

# Um *habitus* tradutório para a antropologia brasileira em língua inglesa: um estudo baseado em *corpora* das obras de Darcy Ribeiro

Talita Serpa (Unilago)<sup>1</sup>

Resumo: com o propósito de investigar o *habitus* sociotradutório de dois tradutores, analisamos um *corpus* paralelo composto pelas obras *O processo civilizatório* (1968) e *O povo brasileiro* (1995), de Darcy Ribeiro, e pelas respectivas traduções para o inglês, realizadas por Meggers e Rabassa. Para a análise, apoiamos-nos no arcabouço dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (Baker, 1993, 1996, 2000; Camargo, 2005, 2007), da Linguística de Corpus (Berber Sardinha, 2004) e, em parte, da Terminologia (Barros, 2004; Faulstich, 2004). No tocante à investigação dos dados, adotamos os trabalhos de Sociologia da Tradução (Simeoni, 1998, 2007; Gouanvic, 1995, 2005), além do conceito de *habitus*, proposto pelo sociólogo Bourdieu. A metodologia utilizada requereu o uso do programa *WordSmith Tools*, o qual nos proporcionou os recursos para o levantamento e a observação dos aspectos culturais e textuais. Os resultados apontaram para a intensa variação vocabular, como, por exemplo, nos termos: “brancarrões” → *light-skinned/light mulattos* e “eito” → *field/canefield*. Partindo da terminologização das ideologias sociais de Ribeiro, observamos a possível formulação de um *habitus* para a Antropologia Brasileira. Após deprendermos os constituintes dessa conduta do autor, notamos quais os fatores observados pelos tradutores para comporem seus próprios comportamentos e, conseqüentemente, o *habitus* tradutório. O uso dos recursos disponibilizados pela Linguística de Corpus contribuiu para o processo de conscientização do papel social dos tradutores, por meio das diferentes escolhas lexicais dotadas de distintos sentidos sociais, o que representa uma tendência no comportamento tradutório em obras voltadas ao estudo da formação do “povo brasileiro”.

## 1. Introdução

A preocupação com organizar, de modo coerente, todos os questionamentos e ideias acerca de temas sociais e culturais possibilitou o reconhecimento de uma proposta teórico-metodológica que originou a formulação das chamadas Ciências Sociais. A partir das publicações de autores como Auguste Comte, Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber, condicionaram-se a expansão e a ramificação desses estudos em várias subáreas, como, por exemplo, a Antropologia, a Ciência Política, a Economia e a Sociologia.

Nesse sentido, a compreensão dos constructos da sociedade passou a ser subdividida de forma que o campo cultural ficou sob responsabilidade da Antropologia, a qual, por sua vez, se dedicou a explorar teorias sobre a origem e a diferença entre homens e núcleos humanos distintos.

Somente por volta do início do século XX, um novo grupo de pesquisadores, formado por autores como Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss, promoveu a identificação e a análise das funções e das estruturas que circunscrevem os costumes e representações de tribos nativas. Com isso, o contato com folclores, mitos e cultos permitiu a esses estudiosos descobrir a dinâmica de dadas construções coletivas, as quais, uma vez institucionalizadas, regulavam e davam sentido a práticas sociais complexas (Miceli et al., 1989).

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista - Câmpus de São José do Rio Preto, sob orientação da Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo. Agência de Fomento: Capes. Docente Titular da União das Faculdades dos Grandes Lagos – Câmpus de São José do Rio Preto.

No âmbito dos estudos relacionados à América Latina, houve uma propagação das proposições europeias, gerando um intenso fluxo de trabalhos interacionais que conceberam as nações ameríndias enquanto objetos. Por conseguinte, o processo tradutório tornou-se comumente utilizado, com o intuito de adequar os textos originais (TOs) às novas necessidades contextuais de pesquisa, alterando não somente os valores linguísticos, mas também as articulações entre os povos envolvidos e elevando a tradução a um caráter de ato social.

Sendo assim, teóricos, como Snell-Hornby (1986) e Wolf (1995), passam a considerar que os TOs, assim como os textos traduzidos (TTs), podem ser compreendidos como conteúdos culturais que representam perspectivas distintas para a conceituação de um conjunto de tradições comum. A tradução assume-se enquanto textualização de elementos culturais de diferentes grupos humanos implícitos na linguagem, e o contato com povos e sociedades, antes consideradas inferiores, leva à interação com novas práticas sociais.

No que concerne às Ciências Sociais, o papel do tradutor associa a mediação cultural a um reconhecimento interpretativo do repertório sociocultural das Culturas Fonte e Meta. De maneira geral, a tarefa concentra-se nas mãos dos estudiosos da área, deixando de lado fatores como a formação profissional do tradutor e o conhecimento das etapas de um processo tradutório.

No Brasil, a pesquisa socioantropológica desenvolveu-se sob a égide da abertura do curso de graduação em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, na década de 30. Neste período, o estudo concentrou-se nas investigações cujo principal material constituía-se dos relatos históricos dos colonizadores, ainda escritos em línguas europeias.

No entanto, com a formação das primeiras turmas de cientistas sociais brasileiros, iniciou-se a elaboração de uma teoria que se concentrou na avaliação das condições de promoção do processo civilizatório deste país, livre da ação teórica precedente.

A esse respeito, Darcy Ribeiro (1995) enfatiza que:

[...] nos faltava uma teoria geral, cuja luz nos tornasse explicáveis em seus próprios termos, fundida em nossa experiência histórica. As teorizações oriundas de outros contextos eram todas elas eurocêtricas demais e, por isso mesmo, impotentes para nos fazer inteligíveis. Nosso passado, não tendo sido o alheio, nosso presente não era necessariamente o passado deles, nem nosso futuro um futuro comum. (Ribeiro, 1995, p. 13).

Darcy Ribeiro promove, então, novos parâmetros, cria novos termos e recategoriza hipóteses precedentes, adaptando-as à proposta de uma Antropologia Brasileira. Dessa maneira, o estudioso procura trabalhar um conjunto de teorias que se desvencilha das traduções das propostas metodológicas precedentes, criando assim uma série de seis livros intitulada *Antropologia da Civilização* (doravante AC)<sup>2</sup>.

Dentro desse quadro contextual, o presente trabalho busca observar quais são os principais comportamentos linguísticos e sociais<sup>3</sup> de dois tradutores ao lidarem com

---

<sup>2</sup> As publicações compreendem os trabalhos: O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural (1968); As Américas e a civilização (1970); Os índios e a civilização (1970); O dilema da América Latina (1971); Os brasileiros (1972) e O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil (1995).

<sup>3</sup> Entende-se por comportamento linguístico as escolhas léxico-semânticas e sintáticas adotadas pelos tradutores na composição de seus TTs.

dificuldades oriundas do processo tradutório de duas obras darcynianas, as quais apresentam como característica marcante o uso de *brasileirismos terminológicos* relacionados à formação da cultura nacional.

Objetivamos, com isso, desvendar, por meio do auxílio da Linguística de Corpus (Berber Sardinha, 2004), os mecanismos de reinterpretação cultural por meio da prática tradutória. Nesse sentido, valemo-nos, também, das teorias postuladas pela Sociologia da Tradução (Simeoni, 1998, 2007; Gouanvic, 1995, 2005), com o propósito de descobrir se há a ocorrência de um *habitus* tradutório para a tradução intercultural de textos seminais de Darcy Ribeiro.

## 2. Fundamentação teórica

Em nosso trabalho, baseamo-nos na abordagem teórico-metodológica de Mona Baker (1993, 1995, 1996, 1999) para os Estudos da Tradução Baseados em Corpus. A proposta da autora, no tocante à investigação de TTs, fundamenta-se nos Estudos Descritivos da Tradução, com base nos trabalhos de Even-Zohar (1978) e, principalmente, de Toury (1978). A autora também se apoia nas investigações de Sinclair (1991), quanto ao aporte teórico da Linguística de Corpus.

Baker (1995) considera a análise de *corpus* como uma importante fonte para a percepção de diferenças entre a linguagem da tradução e a dos textos originalmente escritos em uma dada língua. Apresenta sua concepção de *corpus*, na qual explicita a preferência pela análise por meio de computador:

[...] corpus é um conjunto de textos naturais (em oposição a exemplos/sentenças), organizados em formato eletrônico, passíveis de serem analisados, preferencialmente, em forma automática ou semiautomática (em vez de manualmente)<sup>4</sup> [Baker, 1995, p. 226; traduzido por Camargo, 2007, p. 18].

Notamos, assim, que a Linguística de Corpus fundamenta-se a partir de um embasamento empirista e considera a língua como um sistema de usos baseado na probabilidade. Para Berber Sardinha (2004), “[...] a visão da linguagem como sistema probabilístico pressupõe que, embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, não ocorrem com a mesma frequência” (Berber Sardinha, 2004, p. 30).

Compreendemos, com isso, que a linguagem apresenta dada regularidade, o que permite que seja mapeada de acordo com o contexto de uso. Dessa forma, no âmbito da tradução, é possível delinear, por meio da análise de *corpora*, quais os comportamentos recorrentes no processo de transposição de uma língua a outra.

Em nossa pesquisa, também fazemos uso de pressupostos da Terminologia, visto que suas teorias tendem a fornecer o material necessário à atividade tradutória, de modo que os profissionais da área passam a contar com o acesso rápido aos termos apropriados nos mais diversos campos de produção técnico-científica.

Sendo assim, observamos que os termos especializados são entendidos como a “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade” (ISO 1087, 1990, p. 5, apud Barros, 2004, p. 40). Quanto à definição de

---

<sup>4</sup> Corpus mean[s]any collection of running texts (as opposed to examples/sentences), held in electronic form and analysable automatically or semi-automatically (rather than manually).

“expressões fixas”, Baker (1992) considera que são expressões consagradas, referentes a determinados tipos de texto e que permitem pouca ou nenhuma variação. No caso das expressões semifixas, Camargo (2005) aponta que apresentam maiores variações e carregam consigo todo um contexto, podendo ser consideradas específicas de uma determinada língua de especialidade.

No âmbito da construção terminológica na área das Ciências Sociais Brasileiras, notamos que é possível considerar o léxico de especialidade como sendo formado por dados *brasileirismos*, os quais, de acordo com Coelho (2003), podem ser compreendidos como índices linguísticos da identidade do povo brasileiro.

Para Faulstich (2004), algumas destas entidades linguístico-culturais assumem um quadro conceitual que é mais de natureza terminológica do que de linguagem comum, compondo os chamados *brasileirismos terminológicos*, os quais podem ser definidos como “palavras, locuções e outra estrutura sintagmática criada e formada no Brasil, que tenha significado autônomo e esteja encerrada num conceito de especialidade, que possibilite reconhecer a área a que pertence” (Faulstich, 2004).

Dessa forma, no que concerne à tradução da produção teórica de Darcy Ribeiro, verificamos que as questões sociais, presentes na utilização de *brasileirismos*, são relevantes para a adequação de uma nova teoria social a um público-alvo que faz uso da Língua Meta (LM).

Nesse sentido, acreditamos que as escolhas terminológicas que os tradutores adotam em seus TTs correspondem ao que Simeoni (1998) e Gouanvic (1995, 2005) chamam de *habitus* tradutório, conceito cujas bases remontam a teoria sociológica de Pierre Bourdieu (1972, 1980).

A proposta teórica concernente à tradução é a de que os tradutores são motivados por determinados *habitus* pelos quais se inserem em campos de atuação distintos. De acordo com Bourdieu (1972, 1980), entende-se por *habitus* um conhecimento adquirido em sociedade que permite a regulação das práticas sociais de modo consciente. Esta consciência integra o conjunto das disposições que constituem a competência para que os agentes (tradutores) tenham acesso a estratégias adequadas e possam obter maiores possibilidades de lucro (sucesso). O *habitus* é constituído, na realidade, por todas as medidas, padrões de ação ou percepção que os indivíduos adquirem por meio de sua experiência social.

Notamos que a ação tradutória pode ocorrer, portanto, no interior dos campos em que é gerada pelos TOs, primeiramente, havendo uma atividade constante de adaptação, negociação e reinserção dos dados linguísticos e extralinguísticos em um ciclo de cooperação e desenvolvimento. Os tradutores são agentes envolvidos nesses procedimentos, de modo a operarem e transformarem o processo tradutório por meio do trabalho de seus *habitus*.

O produto de uma tradução constitui uma vasta área de análise da interação social, o que nos permite ampliar nosso ponto de vista sobre características e valores das sociedades de partida e de chegada. Podemos identificar, por meio de um olhar sociológico, alguns condicionantes sociais que delimitam o *habitus* tradutório contidos no léxico terminológico, assim como reconhecer as estratégias de exposição de dados culturais em outras sociedades.

Nesse âmbito, por meio da análise de *corpus*, é possível verificar as recorrências lexicais e terminológicas como tendências à obediência das condutas tradutórias ou à assimilação de um *habitus* recorrente que acaba sendo reconhecido pela observação do

produto, ou seja, do TT. A proposta de um padrão para a tradução de termos corrobora, por conseguinte, a visão sociológica de que os tradutores assumem uma dada postura e que se adéquam a condutas semelhantes.

### 3. Material e método

Para esta investigação, foram compilados os seguintes *corpora*:

1. um *corpus* principal paralelo de AC, constituído pelas obras científicas: *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural*, de autoria de Darcy Ribeiro, publicada originalmente em português, no ano de 1968 (total de itens: 63.159), e a respectiva tradução para o inglês, realizada por Betty J. Meggers, sob o título *The Civilizational Process*, publicada em 1968 (total de itens: 53.464); e *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, de autoria de Darcy Ribeiro, publicada originalmente em português, no ano de 1995 (total de itens: 115.474), e a respectiva tradução para o inglês, realizada por Gregory Rabassa, sob o título *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil*, publicada em 2000 (total de itens: 139.858);
2. um *corpus* comparável de controle, composto por 15 obras das subáreas de *Antropologia Social e Cultural* escritos originalmente em português (total de itens: 1.250.434);
3. um *corpus* comparável de controle, composto por 15 obras das subáreas de *Antropologia Social e Cultural* escritos originalmente em inglês (total de itens: 2.257.474).

As obras que compõem o *corpus* comparável em português representam publicações de pesquisas relacionadas à constituição do povo brasileiro, de autoria dos nossos mais importantes antropólogos, como, por exemplo, Gilberto Freyre, Eduardo Viveiros de Castro e Roberto DaMatta, publicadas entre as décadas de 30 e 90 do século XX.

Para a formação do *corpus* comparável em inglês, foram utilizados textos clássicos da Antropologia Britânica, como, por exemplo, de autores como Bronislaw Malinowski, Radcliffe-Brown, e da Antropologia Americana, como Margaret Mead e Franz Boas, publicados entre os séculos XIX e XX. Cabe salientar que as obras destes autores constam da bibliografia utilizada para a composição das teorias revolucionárias de Darcy Ribeiro.

Para a extração de palavras-chave, é necessário trabalhar com *corpora* de referência pelo menos cinco vezes maiores que os *corpora* de estudo. Dessa forma, em português, utilizamos o *corpus Lácio-Ref*, um *corpus* aberto e de referência do português contemporâneo do Projeto *Lácio-Web*, composto de textos em português brasileiro, tendo como característica serem escritos respeitando a norma culta. A taxonomia de gêneros do *Lácio-Ref* é composta por textos científicos, de referência, informativos, jurídicos, prosa, poesia, drama, instrucionais e técnico-administrativos (Aluísio et al., 2003).

Da mesma maneira, para extraírmos as palavras-chave em inglês, empregamos, como *corpus* de referência, o *British National Corpus (BNC Sampler)*, composto por textos originalmente escritos em inglês e desenvolvido pela parceria de membros da Oxford University Press, Longman Group Ltd., Chambers Harrap, Oxford University Computing Services, UCREL – Lancaster University e British Library Research and Development Centre.

#### 4. Análise dos Resultados

Para a análise de um possível *habitus* tradutório para os *brasileirismos*, termos e expressões antropológicos de AC, no contexto de produção dos livros *O processo civilizatório* e *O povo brasileiro*, procedemos, a princípio, o levantamento das palavras-chave<sup>5</sup> dos TOs e dos TTs. Sendo assim, com base no padrão de chavidade, determinamos alguns dos principais termos simples ocorrentes nas obras darcynianas, como, por exemplo: “aldeia”; “civilização”; “economia”; “escravos”; “etnia”; “guerra”; “população”; “povos”; “sociedade”; e “subsistência”. Esses dados revelaram uma tendência à reutilização de termos no interior das obras de Darcy, assim como uma dada uniformização do uso da terminologia geral das Ciências Sociais pelo autor.

Com base nesses aspectos, notamos que, em *O processo civilizatório*, constrói-se uma reformulação dos temas comumente tratados pela Antropologia europeia e elaboram-se pelo menos quatro possíveis subdivisões para a composição terminológica da subárea: (1) termos relacionados aos fatores de mudança social, como, por exemplo, “escravismo” e “capitalismo”; (2) grupos ou padrões de coletividade, no caso de “populações”, “comunidades” e “aldeias”; (3) elementos de interação social, como “comércio” e “industrialização” e (4) locais de interação sociocultural e política, como “latifúndios” e “fazendas”.

Também é interessante observar que, na composição de *O povo brasileiro*, existe um aprofundamento do estudo das peculiaridades da “nacionalidade” e da “mestiçagem” do Brasil. Compõem-se novos núcleos de criação terminológica: (1) termos relacionados a relações de parentalidade, como “compadrio”, “cunhadismo” e “agregação”; (2) regionalidades e regionalismos, no caso das “vacarias”, das “usinas”, das “sesmarias”, dos “engenhos” e do “agreste”; (3) novos tipos sociais, tais como os “sesmeiros”, os “sertanistas”, os “seringalistas”, os “caipiras”, os “caboclos”, os “senhores de engenho” etc.; (4) novos conceitos de mestiços, como os “bandas forras”, “terceirões” e “brancarrões”; (5) ideologias para a formação do povo mestiçado, como “branquização” e “negritude”; (6) processos de integração nacional, tal como “abrasileiramento” e “caipirização”; (7) fatores resultantes da entrada dos europeus no país, por meio dos “aldeamentos-reduções”, “missões” e intervenção dos “bandeirantes”; (8) interações com as formas de produção (agrícola e pecuária) possíveis ao território brasileiro, ou seja, “aquenciamento”, “arraial”, “arranchamento”, “arrendamento”; (9) revoluções sociais e revolucionários, como “balaiada”, “balaios”, “cabanagem” e “cabanos” e (10) trabalhadores sociais, como “biscateiros”, “balateiros”, “boiadeiros”, “braceiros” etc.

Com isso, os dados permitem-nos lidar, em um primeiro momento, com a constituição do comportamento de Darcy Ribeiro e, então, observar como os tradutores encontraram um *habitus* próprio para construir seus TTs.

Dentro dessa perspectiva e com base na investigação da constituição dos textos de Darcy, verificamos, no que concerne ao processo tradutório da área, que o tradutor depara-se com a necessidade de conscientização de cinco tipos de *habitus* distintos:

- 1) O *habitus* linguístico (léxico-terminológico);
- 2) O *habitus* das Ciências Sociais;

<sup>5</sup> Compreendemos por chavidade a relação estatística entre a ocorrência de dada palavra em um *corpus* de estudo e a importância que assume para o léxico de uma área de especialidade.



- 3) O *habitus* da Antropologia;
- 4) O *habitus* da Antropologia da Civilização;
- 5) O *habitus* do brasilianismo de Darcy Ribeiro.

O uso de *corpora* paralelos admite a análise destes comportamentos aplicados ao processo utilizado pelos tradutores profissionais, permitindo-nos promover um tipo de pesquisa linguística que associa fenômenos da língua a expressões de âmbito societário. Em todos os níveis apresentados, podemos encontrar, na recorrência dos termos, certos padrões que não se restringem ao plano da forma e que são também atos sociais e culturais. Precisamos, ainda, atentar para o fato de que nenhum *habitus* atua isoladamente no comportamento tradutório; eles compõem um conjunto constante e mutável, de modo que qualquer alteração em um dos planos levará a mudanças nos demais. Assumimos que o processo tradutório ocorre dentro de um círculo normativo variável que, ao mesmo tempo em que determina os comportamentos, é determinado por estes.

Sendo assim, Meggers e Rabassa constroem uma conduta reticente para o processo tradutório de termos e expressões da AC, a qual se constitui, principalmente, de traduções literais, variações lexicais e empréstimos. Abaixo, apresentamos o Quadro 1, com alguns exemplos da tradução de termos simples:

**Quadro 1: Exemplos de tradução de termos simples coocorrentes nas obras do *corpus* principal**

Termos coocorrentes no par de obras em LF	Opção de Tradução de Meggers e Rabassa
Feudalização	<i>Feudalization</i>
Incesto	<i>Incest</i>
Oligarquia	<i>Oligarchy</i>
Sacrifício	<i>Sacrifice</i>
Tradição	<i>Tradition</i>

Dessa forma, notamos as afinidades que a teoria darcyniana estabelece com os estudos socioculturais precedentes, assim como constatamos que os *habitus* das Ciências Sociais e da Antropologia são assimilados para a formulação da subárea da AC, a qual se aplica ao ambiente cultural, social e econômico latino-americano. Notamos, também, que, de modo geral, os termos tendem a ser traduzidos por correspondentes diretos e literais.

Outro possível esclarecimento para esse uso da terminologia precedente à criação da AC pode ser oferecido pelo imperativo de descrever fenômenos sociais de “brasilidade” ainda sem nomenclatura determinada, o que leva o autor a recorrer a conceitos abonados pela comunidade de especialistas e posteriormente incluir novos termos e expressões ao conjunto do léxico terminológico da área.

Confirmamos que parte do *habitus* tradutório constitui-se do reconhecimento do constructo teórico-terminológico da área, o qual se soma a valores e fatos sociais específicos do Brasil para compor o campo de um estudo dos elementos culturais tipicamente nacionais.

Verificamos, também, que a variação passa a fazer parte da conduta tradutória no momento em que os tradutores percebem a permeabilidade do texto de Darcy Ribeiro e a capacidade do autor em permitir que sua teoria absorva elementos culturais diversos, posteriormente, inserindo elementos sociais e fenômenos culturais restritos ao povo brasileiro.

Dessa forma, Darcy Ribeiro reconhece a diversidade tanto social quanto terminológica, conferindo a ela um papel de maior valor dentro das suas obras. O autor não despreza a influência exercida pelos demais pesquisadores; pelo contrário, absorve o que é indispensável a sua proposta teórica e aplica-a de maneira a explicar o Brasil. Quando sente a necessidade de realocar os conceitos, somatiza-os a *brasileirismos* a fim de compor, por fim, uma obra completa para a concretização da identidade nacional.

Meggers e Rabassa, ao lidarem com os TOs darcynianos, notam que não se trata apenas de uma ciência, mas sim de um posicionamento ideológico de identificação com o “ser brasileiro”. A nosso ver, os tradutores equacionam essa relação de maneira bastante considerável, visto que conseguem compreender *o habitus do brasilianismo* de maneira tão clara que suas obras acabam por se tornar ainda mais enfáticas na atitude identitária entre Darcy Ribeiro e o objeto de análise. Essa relação pode ser verificada nas escolhas lexicais de ambos os tradutores e na amplitude concedida aos termos, principalmente aos *brasileirismos*, por via das alternâncias de termos nos TTs. Apresentamos, abaixo, o Quadro 2, com alguns exemplos do fenômeno de variação no processo tradutório:

**Quadro 2: Exemplos de termos simples coocorrentes nas obras do *corpus* principal em língua fonte (LF) e as possíveis variações de tradução**

Termos Simples coocorrentes no par de obras em LF	Opção de Tradução de Meggers	Opção de Tradução de Rabassa
Clientelismo	<i>Patronage System</i>	<i>Brazen service</i> <i>Favoritism</i>
Convívio	<i>Conviviality</i>	<i>Group Living</i> <i>Companionship</i> <i>Communal Live</i> <i>Living</i>
Divindade	<i>Deity</i>	<i>Divinity</i>
Escravidão	<i>Slaves</i>	<i>Slave Groups</i>
Negro	<i>Negro</i>	<i>Black</i>

As relações entre os grupos sociais e as “etnias” constituem caráter relevante nas obras de Ribeiro, considerando que o autor elabora uma teoria de “assimilação” das diferentes “raças” no Brasil como resultado para a formação de um “povo novo”. Com isso, os TTs refletem a postura adotada pelos tradutores ao conceituarem a posição social dos indivíduos por meio das escolhas lexicais que representam os grupos raciais. Essa caracterização fica bastante evidente nas opções de Meggers e Rabassa para o termo “negro”.

Na tradução de *O processo civilizatório*, Meggers utiliza o vocábulo *Negro* nos contextos em que o autor procura salientar os elementos constitutivos da “racialidade”, revelando, com isso, uma ideologia ainda relacionada ao conceito de sub-raça de nariz achatado, lábios grossos e cabelos enrolados, ou seja, as depreciações físicas e os preconceitos ficam marcados na opção lexical da tradutora.

Contudo, a tradução de *O povo brasileiro* expõe a visão de Rabassa como conhecedor do universo cultural brasileiro e desvenda uma postura menos racista para o termo “negro”, o qual passa a ser traduzido por *Black*. O tradutor considera, no prefácio de sua obra *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária* (1965), que o Brasil situa-se entre as nações do mundo em que o modelo de relações raciais está livre de preconceito.

Rabassa afirma que a enorme população mulata brasileira é uma prova de que brancos e negros não se mantêm separados uns dos outros. O tradutor apoia-se nos estudos de Nina Rodrigues (1899), Arthur Ramos (1940, 1943) e Gilberto Freyre (1933), como suporte para



sua escolha lexical, a qual conserva certa neutralidade em relação aos vocábulos *Negro* e *Níger*, que revelam traços de estigmas sociais relacionados à cor da pele e à forma física.

Ao empreender seu estudo sobre o Brasil, o tradutor afirma que, no país, o termo “negro” só se aplica a pessoas que são aparentemente de ascendência africana predominante, enquanto que é mulata uma pessoa aproximadamente meio negra, meio branca. O autor ainda salienta que, se um homem é de ascendência predominantemente europeia, um pouco de sangue negro não impede que seja incluído entre os brancos. As noções de raça na América Latina ainda englobam uma categoria distinta: o mestiço de “negro” com “índio”, chamado “cafuzo” ou “zambo”.

Verificamos que o trabalho dos tradutores revela um avanço na tendência de permitir a introdução de suas identidades ao contexto da produção dos TTs, considerando, ainda, as diferenças de sentido implícitas na própria linguagem.

No que tange às expressões fixas e semifixas, notamos que as escolhas dos tradutores corroboram nossa proposta de que o *habitus* tradutório, quando incorpora os conhecimentos referentes ao campo das Ciências Sociais, tende a manter certa recorrência terminológica. Abaixo, apresentamos o Quadro 3, com exemplos de expressões coocorrentes que não sofreram variação na composição terminológica dos TTs:

**Quadro 3: Exemplos de tradução de expressões fixas e semifixas coocorrentes nas obras do *corpus* principal em LF e LM**

Expressões Fixas e Semifixas coocorrentes no par de obras em LF	Opção de Tradução de Meggers e Rabassa
Classe Social	<i>Social Class</i>
Estratificação Social	<i>Social Stratification</i>
Incorporação Histórica	<i>Historical Incorporation</i>
Lealdade Étnica	<i>Ethnic Loyalty</i>
Lutas de Classe	<i>Class Struggles</i>

A correlação que se configura entre as expressões fixas e semifixas, recorrentes em *O processo civilizatório* e *O povo brasileiro*, está associada, em grande parte, à formação e consolidação das “sociedades modernas”, permeada pela inserção do “capitalismo” em comunidades antes pautadas pela “divisão social do trabalho” e pela “produção de subsistência”. Vemos, por conseguinte, que, de acordo com a teoria darcyniana, os incrementos sociais resultantes do desenvolvimento econômico conduziram a um processo de reafirmação das diferenças, redividindo as “sociedades” em “classes sociais” de base economicista. Dessa maneira, os conceitos envolvendo as expressões “classe social”, em LF, e *social class*, em LM, associam-se diretamente à noção de “estratificação” e, por conseguinte, têm sido utilizados para designar todos os indivíduos que possuem, dentro da estrutura de uma sociedade ou comunidade, a mesma quantidade relativa de “poder”, “renda”, “riqueza”, “prestígio”, ou uma combinação destes elementos vagamente formulada.

As expressões utilizadas em comum entre as duas obras do *corpus* principal e suas respectivas traduções representam uma intercalação teórica com os precedentes históricos que discorrem sobre o evolucionismo social com alcance mundial. Por tal razão, as expressões geralmente configuram traduções para o português de uma terminologia fundada, primordialmente, entre cientistas sociais europeus e norte-americanos. Neste momento, observamos a absorção e não a criação de uma teoria, o que pode explicar a acentuada regularidade nos padrões terminológicos em LF e LM.

No entanto, ao voltarmos nossa análise para o âmbito da variabilidade conceitual, verificamos que as alterações entre expressões fixas e semifixas nos TOs e nos TTs ocorrem com maior frequência no domínio que abrange os atores, atos e fenômenos sociais concernentes, em sua maioria, ao ambiente social latino-americano e brasileiro. Apresentamos, abaixo, o Quadro 4, com alguns dos exemplos deste fenômeno:

**Quadro 4: Exemplos de expressões fixas e semifixas coocorrentes nas obras do *corpus* principal em LF e as possíveis variações de tradução em LM**

Expressões Fixas e Semifixas coocorrentes no par de obras em LF	Opções de Tradução de Meggers	Opções de Tradução de Rabassa
Aldeia Indígena Diferenciada	<i>Undifferentiated Horticultural Village</i>	<i>Undifferentiated Agricultural Village</i>
Condição Tribal	<i>Tribal Condition</i>	<i>Tribal Affiliation</i>
Etnia Tribal	<i>Tribal Ethnic Group</i>	<i>Tribal Ethnicity</i>
Matriz Étnica	<i>Ethnic Group</i>	<i>Ethnic Base</i>
Povo testemunho	<i>Witness People</i>	<i>People who have watched the intrusions without losing former cultural integrity altogether</i>

Observamos que Darcy Ribeiro recorreu à ideia de “aldeias agrícolas indiferenciadas” para descrever sociedades que nunca estiveram em contato com as civilizações mercantis ou industriais. De acordo com as teorias antropológicas, “aldeias” podem ser entendidas como as menores escalas das comunidades humanas, representam os primeiros agrupamentos dos homens que iniciam a divisão social do trabalho, a organização hierárquica em “chefias” e as “associações de guerreiros”.

É na formação das “aldeias” que se conservam, por meio de passagens de tempo, os “ritos”, as “técnicas” e as “tradições”. O papel do conceito de “aldeia” está relacionado às mudanças que levaram ao aparecimento da “civilização” e da acumulação de conhecimento, visto terem sido um meio de sobreviver às destruições e “guerras” de pilhagem comuns entre os nômades.

O vocábulo escolhido como correspondente para este termo em LM, *village*, caracteriza-se por significar um conjunto de propriedades tratadas como uma unidade de modo que os habitantes conheçam uns aos outros.

Outro fator relevante para a tradução da expressão coocorrente nos TOs é o fato de Meggers ter optado pelo adjetivo *horticultural* para representar a concepção de agrícola, ao passo que Rabassa escolheu o vocábulo *agricultural*. Sabemos que o conceito de “horticultura” remete a apenas um ramo da “agricultura” que se dedica à produção e ao aproveitamento dos frutos, legumes, arbustos e flores. A “agricultura”, por sua vez, corresponde a um sentido mais amplo, representando toda a mudança operada no sentido de priorizar plantação e colheita de grãos, que conduziram à “sedentarização das populações”.

Compreendemos, assim, que existe um comportamento condizente entre os tradutores das obras de Darcy Ribeiro. No entanto, para confirmar a existência de um *habitus* tradutório ampliamos nossos *corpora*, passando a observar a formulação de termos e expressões no âmbito da linguagem antropológica de outros autores, por meio da compilação de *corpora* comparáveis de textos originalmente escritos em português (TOPs) e de textos originalmente escritos em inglês (TOIs). Apresentamos, abaixo, o Quadro 5, com algumas das opções de

tradução de Meggers e Rabassa em relação ao léxico de especialidade em L1 (português) e L2 (inglês).

**Quadro 5: Lista de termos simples presentes nos TOs e TTs e sua relação com os termos simples dos corpora comparáveis em L1 e L2**

Termos Simples em L1	Opção de Tradução de Meggers	Opção de Tradução de Rabassa	Termos Simples em L2
Aldeia/s	<i>Village/s</i>	<i>Village/s</i>	<i>Village/s</i>
Casamento/s	-----	<i>Marriage/s</i> <i>Wedding/s</i>	<i>Marriage/s</i>
Cerimonial/is	-----	<i>Ceremony/ies</i>	<i>Ceremony/ies</i> <i>Ceremonial/s</i>
Consanguinidade	-----	<i>Blood Relationship</i>	<i>Consanguinity</i>
Costume/s	<i>Custom/s</i>	<i>Custom/s</i>	<i>Custom/s</i>
Família/s	<i>Family</i>	<i>Family</i>	<i>Family</i>
Gentio/s	<b>Termo não traduzido no TT</b>	<i>People/s</i> <i>Mob/s</i> <i>Heathen/s</i>	<i>People/s</i> <i>Gentile/s</i>
Homem/ns	<i>Man</i> <i>Mankind</i>	<i>Man</i>	<i>Man</i>
Parentesco	<i>Kinship</i>	<i>Kinship</i>	<i>Kinship</i>
Rito/s	<i>Rite/s</i>	-----	<i>Rite/s</i>

Na esfera do conceito de “casamento”, por exemplo, em L1, o *Dicionário de Ciências Sociais* (1986) especifica que o termo refere-se aos arranjos para a união aprovada pela sociedade com referência especial ao relacionamento de marido e mulher. Designa também as “cerimônias” que servem para estabelecer tais relacionamentos. No uso comum, “casamento” inclui duas ideias distintas: a) a de que homem e mulher vivem juntos, em geral com a intenção de fundar uma família; b) a de que há uma distinção entre casamento e outras formas de união sexual denominadas pré-marital, extramarital, adúltera etc.

No *Dicionário de Antropologia: do homem primitivo às sociedades actuais* (1983), observamos que o termo “casamento” apresenta uma função de coletividade (grupos que trocam mulheres, ou seja, estabelecem laços de parentesco e alianças) e não tanto uma função individual (um homem e uma mulher escolhem-se mutuamente no intuito de uma cooperação sexual e econômica).

Para a Antropologia, a noção de *marriage*, em L2, adapta-se ao conceito da união entre homens e mulheres e também à ideia de trocas de mulheres entre grupos sociais distintos. Além disso, o *Dictionary of Anthropology* (1961) salienta que tal termo está associado à formação do conceito de *family*. *Marriage* regula as relações entre os sexos e ajuda a estabelecer a integração das crianças às normas comunais. O termo é geralmente associado à celebração chamada *wedding* (noção também utilizada por Rabassa), à religião, aos fatores sociais, à mágica e também à formalização das leis gerais da sociedade.

Verificamos, com a investigação nos TOPs e TOIs, que a variação na tradução do termo “casamento” entre *marriage* e *wedding* não implica grandes modificações de sentido, visto

que a definição de um conceito engloba a do outro. Notamos, também, que se edifica uma estrutura social a qual intercala os termos de modo que os sentidos se articulam para a formação das interações humanas.

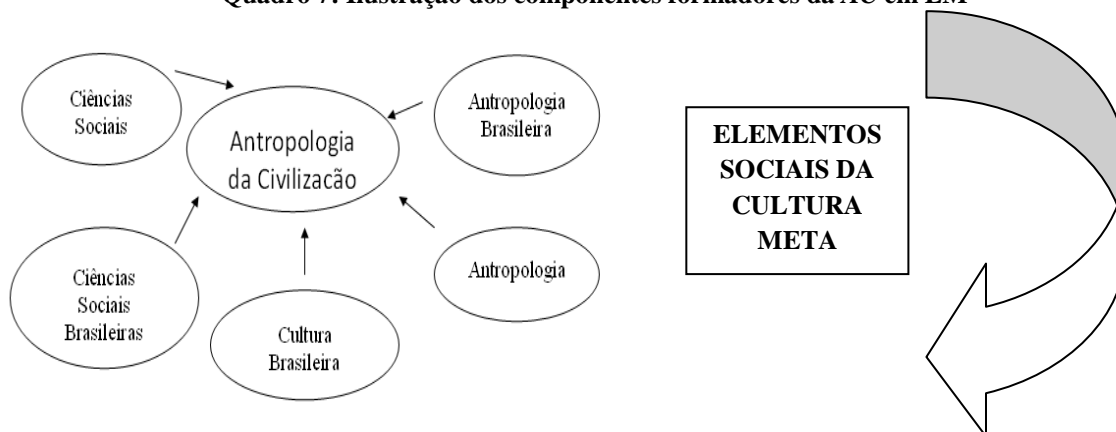
O trabalho com os TOPs e os com os TOIs apresenta, ainda, relação com a compreensão de fenômenos sociais por diversos autores renomados no campo da Antropologia, entre os quais podemos citar Freyre e Viveiros de Castro, no Brasil, e Boas e Mead, na Inglaterra e Estados Unidos. Assim, uma pesquisa que envolve a linguagem antropológica não se concentra apenas no âmbito linguístico, perpassa as relações de sentido e permite ao tradutor conhecer aspectos condicionantes da formação de diferentes sociedades, teorias e estruturas culturais.

Por fim, consideramos que a observação das obras de inauguração e de fechamento da AC também permitiu-nos investigar a variação na conceituação de termos e expressões que são consagrados pela Antropologia, o que confirma a ação do TT sem as influências do TO, assim como permite elaborar os quadros 6 e 7, respectivamente, para o campo da AC na Cultura Fonte e na Cultura Meta:

**Quadro 6: Ilustração dos componentes formadores da AC em LF**



**Quadro 7: Ilustração dos componentes formadores da AC em LM**



Acreditamos que se estabelece uma relação de englobamento, de modo que as Ciências Sociais constituem-se pelo diálogo e pela realocação de conceitos entre suas subáreas e as culturas sobre as quais se debruçam como objetos. No âmbito da AC, é possível notar, por meio do uso de diferentes terminologias, que o campo se formula pela associação de fatores

teóricos e sociais advindos de estudos precedentes aos ambientes e atores sociais brasileiros, associados aos elementos nacionais observados pela análise darcyniana.

Por conseguinte, verificamos haver uma influência da formação cultural do tradutor na produção teórica do TT, levando, em muitas ocorrências, à formulação de um conteúdo temático novo na LM, o que caracteriza parte do comportamento dos tradutores nessa área de especialidade, o qual se soma com a utilização de vários vocábulos para a definição de um *brasileirismo* ou termo, compondo o que consideramos ser o *habitus* tradutório para as Ciências Sociais.

## 5. Considerações Finais

Esta investigação, fundamentada nos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (Baker, 1993, 1995, 1996), na Linguística de Corpus (Berber Sardinha, 2004), na Sociologia da Tradução (Simeoni, 1998; Gouanvic, 1995, 2005) e, em parte, na Terminologia (Barros, 2004; Coelho, 2003; Faulstich, 2004), segue a proposta de um estudo interdisciplinar desenvolvida por Camargo (2005, 2007) para a observação do processo tradutório do conjunto léxico de especialidade da AC de Darcy Ribeiro para a língua inglesa nas duas obras que compõem nosso *corpus* principal. Com o auxílio desta abordagem, foi possível comparar, de modo empírico, os dados de formulação e variação terminológica e social dos conceitos presentes nos TOs e nos TTs.

A multidisciplinaridade adotada e o uso de ferramentas de busca permitiram verificar que os termos utilizados pelos tradutores encontraram correspondência com termos usados por antropólogos e cientistas sociais de língua inglesa, por meio da análise dos *corpora* comparáveis.

Verificamos, ainda, as possíveis alterações de sentido contidas nas escolhas lexicais de autor e tradutores para termos e expressões frequentes em textos das Ciências Sociais e da Antropologia e para *brasileirismos terminológicos*. Com isso, procuramos encontrar as bases formadoras para um *habitus* tradutório comum e para uma conscientização do papel social do tradutor e do TT.

A escolha pelas obras darcynianas como *corpus* principal paralelo adequou-se aos propósitos de nossa pesquisa por favorecer o contato com uma teorização antropológica inovadora, a qual defendia o Brasil enquanto nação independente e mostrava os fundamentos de consolidação da nacionalidade brasileira. Sendo assim, Darcy Ribeiro trouxe à tona diversos aspectos da culturalidade nacional a serem trabalhados no âmbito da linguagem de especialidade da Antropologia, referindo-se a vários elementos de “brasilidade” para a construção de seu ambiente de análise, os quais compuseram o núcleo de *brasileirismos* observado em nossa pesquisa.

A AC revelou-se um campo diferente de todas as demais propostas de avaliação da sociedade brasileira por antropólogos das Escolas Europeias, e, por tal razão, a terminologia utilizada pelo autor mostrou-se inovadora e distinta de boa parte dos termos e expressões encontrados nos *corpora* comparáveis em L1 e em L2. Isso desmistificou a ideia de uma padronização fixa da linguagem para as subáreas das Ciências Sociais. Analisamos, assim, que a variabilidade das escolhas lexicais coloca os tradutores em uma posição importante como constituidores de novos termos e mediadores das relações conceituais. Observamos que

o *habitus* tradutório seria uma representação das relações estabelecidas entre a Cultura Fonte e a Cultura Meta, as quais se apresentam no uso e nas escolhas do léxico.

O *software WordSmith Tools*, por meio de suas ferramentas e utilitários, facilitou consideravelmente a pesquisa de uma grande quantidade de dados, obtidos de maneira muito mais rápida e precisa do que manualmente. As linhas de concordância serviram de apoio e esclareceram dúvidas em relação à terminologia levantada, ao apresentarem os contextos nos quais os termos e expressões estão inseridos. As concordâncias também permitiram observar a organização das palavras dentro dos sintagmas, favorecendo a análise de que os termos não têm significado independentes, visto que seus elementos interrelacionam-se criando especificidades próprias de acordo com a conjuntura social a que se aplicam na Cultura Fonte ou na Cultura Meta.

A utilização de dicionários especializados que compõem o *corpus* de apoio, mostrou-se essencial para o desenvolvimento de estudo dessa natureza. Com isso, notamos que, em grande parte, a terminologia da AC caracterizou-se pela variação lexical tanto intratradutores como intertradutores.

Por fim, partindo da terminologização das ideologias sociais da AC, por meio da qual Darcy Ribeiro propunha a constituição de uma investigação cultural nacionalista por pesquisadores formados no país, observamos como seria possível formular um *habitus* para a Antropologia Brasileira. Assim, após deprendermos os constituintes dessa conduta do autor para sua subárea de especialidade, com base nas teorias propostas por Bourdieu (1980), Simeoni (1998) e Gouanvic (2005), notamos quais os fatores observados por cada tradutor para compor seus próprios comportamentos e, conseqüentemente, o *habitus* tradutório.

## Referências

AKOUN, A. *Dicionário de Antropologia: do homem primitivo às sociedades actuais*. Tradução Germiniano Cascais Franco. Lisboa: Verbo, 1983.

BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: USP, 2004.

BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. Routledge: London and New York, 1992.

\_\_\_\_\_. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Org.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

\_\_\_\_\_. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243. Amsterdam, 1995.

\_\_\_\_\_. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 177-186.

\_\_\_\_\_. Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, M. A. P. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucena, 1999. p. 15-34.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.



BOAS, F. Anthropology. In: SELIGMAN, E.R. (Org.). *Encyclopedia of the social sciences*. New York: Macmillan, v. 2, p. 79, 1930.

BOURDIEU, P. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Genève: Droz, 1972.

\_\_\_\_\_. *Le sens pratique*. Paris: Éd. de Minuit, 1980.

CAMARGO, D. C. *Padrões de estilo de tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 2005. 512 f. Tese (Livre-Docência em Tradução) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

\_\_\_\_\_. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica / São José do Rio Preto: Laboratório Editorial, 2007. Coleção Brochuras.

COELHO, O. Léxico, Ideologia e a Historiografia Linguística do Século das Identidades. *Revista Letras*, n. 61, p. 153-166, Editora UFPR. Curitiba, 2003.

EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polisystem. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J; VAN DEN BROECK, R. (Ed.). *Literature and translation*. Leuven: ACCO, 1978 p. 117-127 [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000, p. 199-204].

FAULSTICH, E. Duas questões em discussão: o que são brasileirismos nos dicionários de Língua Portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos? In: *Jornada sobre "Variacion Geolectal i Terminologia" Red Panlatina de Terminologia Realiter/IULAterm/Institut Universitari de Linguistica Aplicada*. Barcelona, Espanha, 24 de novembro de 2004.

FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Diccionario de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GOUANVIC, J. Pour une sociologie de la traduction: le cas de la littérature américaine traduite en France après la Seconde Guerre mondiale (1945-1960). In: SNELL-HORNBY, M.; JETTMAROVÁ, Z.; KAINDL, K. (Ed.). *Translation as Intercultural Communication: selected papers from the EST Congress Prague*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 33-44.

\_\_\_\_\_. A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances: Field, 'Habitus', Capital and 'Illusio'. *The Translator*, v. 11, n. 2, Special Issue, 2005, p. 147-166.

MEAD, M. *An Anthropologist at Work: Writings of Ruth Benedict*. London: General Books LLC, 2010.

MICELI, S. et al. *História das Ciências Sociais no Brasil*. V.1. São Paulo: INEP, 1989.

NINA RODRIGUES, R. Mestiçagem, degenerência e crime. Tradução de Mariza Corrêa do artigo "Métissage, dégénérescence et crime", publicado nos *Archives d'Anthropologie Criminelle*, v.14, n. 83, 1899.

RABASSA, G. *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*. Trad. de Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

RAMOS, A. *O negro brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1940.

\_\_\_\_\_. *Guerra e relações de raça*. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes, 1943.

RIBEIRO, D. *O processo Civilizatório*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1968.

\_\_\_\_\_. *The Civilizational Process*. Translated by Betty M. Meggers. Washington: Smithsonian Institution Press, 1968.

\_\_\_\_\_. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil*, Translated by Gregory Rabassa. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

SIMEONI, D. The Pivotal Status of the Translator's Habitus. *Target* 10 (1), 1998, p. 1-39.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance and collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J; VAN DEN BROECK, R. (Ed.). *Literature and translation*. Leuven: ACCO, 1978. p. 83-100 [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London/New York: Routledge, 2000, p. 198-211].

VIVEIROS DE CASTRO, E. Etnologia brasileira. In: MICELI, S. *O que ler na ciência social brasileira*. Brasília: SDF, 1999.

WINICK, C. *Dictionary of Anthropology*. London: Peter Owell, 1961.